



O biscoito fino de Armínio Kaiser.

Das antigas latas de biscoito Aymoré para o mundo, percepções de um fotógrafo sobre o fluxo de suas imagens no tempo presente (1953-2013).

TATI LOURENÇO DA COSTA*



A proposta desta comunicação é apresentar o percurso de trabalho com Armínio Kaiser e seu acervo. Trata-se de um fotógrafo e engenheiro agrônomo que trabalhou no Instituto Brasileiro do Café (IBC) de 1953 a 1989. Nascido na Bahia, em 1925, Armínio aprendeu a fotografar na infância, com o avô, Manoel Gonsalvez, fotógrafo profissional que mantinha estúdio em Salvador no século XIX. Para a carreira profissional, Kaiser optou pelo estudo de agronomia motivado pelo desejo de contribuir para a erradicação da fome no mundo. Ingressou no curso em Cruz das Almas (BA) e transferiu-se para Piracicaba (SP), onde concluiu o curso na atual ESALQ/USP. Para compreender a produção fotográfica de Armínio Kaiser é importante pontuar brevemente sua trajetória como engenheiro agrônomo.

Em 1953, recém-formado, Kaiser ingressa como técnico do IBC, instituição criada no ano anterior para gerenciar uma política nacional dirigida à cafeicultura, que representava importante atividade econômica do Brasil e que se deparava, naquele momento, com sérios desafios relacionados às políticas de exportação e regulação entre produção, comércio e

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista REUNI/CAPES.



2

consumo. Ao mesmo tempo, vivia-se a expansão das lavouras rumo às terras do interior. Armínio Kaiser trabalhou inicialmente no Estado de São Paulo, acompanhando técnicas empregadas em fazendas modelo e prestando assessoria aos cafeicultores, destinadas a incrementar a qualidade da produção. Em 1957 foi transferido para o município de Paranavaí, no noroeste paranaense, para auxiliar no controle da erosão que assolava a região, ocasionada pelo plantio de cafeeiros em quadras, uma técnica que não respeitava a declividade do terreno e que, em solo arenoso resultava no desastroso problema da erosão.

Em seus primeiros 17 anos como agrônomo costumava carregar consigo até quatro câmeras fotográficas (de filmes formato 6x6 cm e 35 mm), com as quais registrou mais de duas mil fotografias sobre o trabalho de homens e mulheres na cafeicultura. Para ele, as câmeras eram companheiras de viagem. Mas a partir da década de 1970, reduz sensivelmente sua produção fotográfica: do campo para o laboratório, ele passa a atuar no setor de melhoramento genético do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC). A motivação de Armínio para fotografar era mais por gosto pessoal do que em função de sua profissão. Tal como um etnógrafo em campo, a cada fotografia tirada, ou pelo menos para a maioria delas, registrava em caderneta informações sobre local, data e outras observações de ordem técnica. Em casos de menor número aparecem breves impressões pessoais.



Reprodução de envelope original do acervo de Armínio Kaiser. Paraná, 1958.

Quando revelados os filmes, Armínio acondicionava individualmente cada negativo em um envelope próprio, à frente do qual colava uma reprodução em positivo, o chamado “contato” em papel, para visualização da imagem, e no verso, transcrevia as informações da



caderneta. Feito isso, as imagens eram guardadas em latas de biscoitos Aymoré, muito comuns nos meados do século XX. Pensemos um pouco sobre o que essas imagens documentam, em seu repouso, como finos biscoitos, impregnadas pelo pensamento do fotógrafo...

O interior do Paraná, mais especificamente as regiões norte e noroeste do Estado, onde Armínio Kaiser atuava, começa a ser território de agricultura a partir da década de 1920. Momento em que se fundam ali núcleos populacionais às custas de derrubadas de mata virgem, expulsão e extermínio da população indígena. As vilas ali construídas, montadas para atender principalmente a atividade agrícola, oferecem precárias condições de vida e moradia. Ao longo dos extensos dez mil quilômetros quadrados que marcavam sua área de atuação profissional, cruzando sozinho num jipe as estradas não pavimentadas, Armínio Kaiser se impressiona com a pobreza que presencia, e sofre na pele tais condições chegando a contrair tifo.

É possível visualizar esse traço da história do fotógrafo riscando a película das imagens produzidas a partir de 1957, ano de migração do estado de São Paulo para o Paraná, saindo de um estado tecnologicamente avançado, para regiões de cultura material incipiente. Ao analisar o conjunto do acervo, é sensível que os registros de instrumentais agrícolas e técnicas do trabalho na cafeicultura, gradualmente cedem lugar a imagens de enfoque concentrado nas condições de vida e no cotidiano das vilas. A ferramenta que a câmera representa para o fotógrafo transita da função de uma auxiliar técnica para registrar aparatos e modos de fazer, para assumir o papel de uma companheira ou até mesmo um respiro para a situação social drástica que ele vê diante de seus olhos.

Todas as informações, impressões e conclusões iniciais até aqui apresentadas, obviamente, não foram tiradas somente de um olhar sequencial sobre as imagens do acervo, contam com contínua interação e cruzamento das imagens com outras narrativas produzidas pelo fotógrafo. O posicionamento crítico que marca muitas das imagens do acervo, expressa-se no pensamento e nas narrativas de Armínio Kaiser, aparecendo em todas as entrevistas,



bem como nos textos autobiográficos que ele escreveu e nas correspondências trocadas ao longo dos projetos de patrimônio cultural desenvolvidos junto ao seu acervo¹.

Se até aqui pontuei, brevemente, o percurso das imagens que riscaram no passado apêlcica, para serem em seguida cuidadosamente reveladas, copiadas e metodicamente guardadas nas latas de biscoitos Aymoré, onde passariam, silenciosas, meio século. Dedico, daqui em diante, atenção sobre como se compuseram as narrativas durante o processo de movimentar tais fotografias, das latas de biscoito para o mundo. Processo intimamente relacionado às questões epistemológicas sobre uma história da memória, onde o recurso à história oral se faz fundamental. E onde o percurso passa por ações patrimoniais, por meio das quais o acesso às imagens foi viabilizado. Busco, neste sentido, considerar a dimensão dos arquivos como objetos da pesquisa histórica, e não somente como repositórios de fontes.

A primeira ação patrimonial sobre o arquivo se concentrou na parcela de fotografias que retratam a cafeicultura no estado do Paraná, e foi viabilizada através de projeto cultural selecionado no programa de incentivo à cultura de Londrina em 2007, o que define, em parte, o recorte geográfico selecionado. Ali se catalogou, higienizou, digitalizou originais de negativos e envelopes onde ficavam guardados individualmente, ricos em metadados (datas, referências geográficas e observações sobre o momento de registro das imagens). Como resultado e estratégia de circulação das fontes históricas, produziu-se o livro *Ao Sabor do Café* e uma página na internet. Posteriormente, outra iniciativa cultural, com incentivo cultural do programa paulista, buscou completar o espectro de ação patrimonial, viabilizando as mesmas ações do primeiro projeto a fim de completar a totalidade das imagens da cafeicultura produzidas por Armínio, cujos registros abrangem os estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Bahia. Culminando na publicação de *Ao*

¹ Cabe mencionar o ponto de onde escrevo e reflito, portanto, meu lugar de fala: Como pesquisadora integrei a equipe de todas as ações dedicadas à organização deste arquivo de fotografias. O propósito esteve sempre concentrado no esforço de difusão e circulação das imagens para fins de pesquisa e fruição cultural, o que foi realizado através de publicações em livros, site e documentários. Atualmente a continuidade segue através de pesquisa dedicada a pensar interações entre memória, natureza e cultura que se desdobram da experiência com tal acervo no Doutorado em História da UFSC.



Aroma do Café e mais uma página na internet. Em resumo, estas duas ações ocuparam o período de seis anos, e se dedicaram sobre o total de 2800 originais.

Armínio Kaiser acompanhou sempre presente todas as ações desenvolvidas com o arquivo, e o trabalho com história oral foi fundamental para registrar sentidos das imagens e compreender tanto o universo da cultura visual, quanto das práticas e cultura material de regiões rurais do interior do Brasil. Por esta razão levamos em consideração suas perspectivas como elemento orientador da criação das categorias de ordenação do arquivo, compreensão da dinâmica de produção de seu acervo e de suas visões sobre história, fotografia, cafeicultura e tempo presente.

Em 2009, outro projeto cultural foi viabilizado através do mesmo programa de incentivo de Londrina, voltado para a produção audiovisual de documentário com as narrativas de trabalhadores e ex-trabalhadores do café, cujas entrevistas eram conduzidas a partir das fotografias de A. Kaiser. Naquele momento, as fotografias tiveram suas nuances ampliadas significativamente a partir dos pontos de vista variados, expressos através dos diversos relatos coletados e que remontam a diferentes universos de experiências. O processo vivido revelou a importância da circulação daquelas fotografias e o poder das imagens para despertar histórias latentes.

Especialmente se consideramos espaços de identificação entre os espectadores das imagens e os temas que elas retratam, ou seja, apresentar imagens da cafeicultura de uma região às pessoas que estiveram, de alguma forma ligadas àquela história, encontramos um aspecto metodológico relevante: os relatos abordam muito mais do que meras descrições das imagens vistas. Combinados no mesmo processo de olhar tais imagens, viagens ao passado guardado na memória despertam narrativas de sensibilidades sobre o cotidiano vivido em momentos anteriores, mas não somente isso. A viagem ao passado lembrado e imaginado leva os narradores a pensarem sobre o próprio presente e refletirem sobre expectativas de futuro. Isto se expressava, por exemplo, quando observavam nas imagens, traços de mudanças, rupturas e faltas: as técnicas que não se usa mais, a diferença da altura dos cafeeiros de



6

antigamente para as espécies atuais e que se refletem no cotidiano de trabalho, ou a saudade do cafezinho coado pela mãe.

Ao levantar a cabeça e contemplar o horizonte, a apreensão de ver terras diante dos olhos que já foram vistas povoadas de cafeeiros (e que antes ainda foram território de suntuosas perobas), estão no presente recobertas por lavouras de soja e trigo. Lavouras em que espaço para trabalhadores não há, o serviço é feito por maquinário. Desse modo, o olhar ao passado retratado nas fotografias de Armínio Kaiser remontou, nas narrativas dos trabalhadores do café, também uma expectativa de futuro, nada nostálgica ou promissora².

Seguirei esta comunicação com breve análise das narrativas orais de Armínio Kaiser, registradas em vídeo durante as atividades sobre seu acervo, e conduzidas sempre com a opção metodológica de trabalhar com um roteiro de caráter imagético, conduzido pelas próprias fotos do arquivo, com o mínimo de interferência no processo narrativo do fotógrafo, a fim de perceber os rumos da narrativa despertados pela sensibilidade do olhar, lembrar e falar. Ao redor de uma grande mesa de trabalho inundada por fotografias, o surgimento das palavras e novas imagens, num salutar exercício intertextual, ofereceram-nos informações sobre a interpretação de Armínio Kaiser sobre história, historia do café, e vários vestígios de história da fotografia.

A primeira entrevista foi registrada em 2007, no momento em que o acervo fotográfico nos foi apresentado por Armínio Kaiser, em sua residência. Na ocasião ele nos apresentou uma primeira seleção de imagens que nomeava como uma “progressão” da cafeicultura no Paraná, progressão esta que transcorria, em certa linearidade, da arrancada, ou derrubada da mata virgem; passava por técnicas de plantio, colheita, processamento e armazenagem; até chegar a questões sociais mais drásticas como o impacto das geadas, incêndio, e o programa

² Mesmo saborosa para a reflexão em história oral, encerrarei aqui a exploração deste universo de outros narradores a respeito do arquivo de Armínio Kaiser, por não ser o foco de concentração da presente comunicação, mas vale referenciar que o conteúdo das narrativas pode ser acompanhado no documentário *Grãos de ouro em saís de prata: memórias do café* (2009), acessível na internet, e também foi objeto de análise de Daniel Choma na dissertação “Café Passado Agora: narrativas em torno de fotografias de Armínio Kaiser, produzidas entre 1957 e 1970, sobre a cafeicultura no norte do Paraná”(Mestrado em História/UEDESC, 2010).



de diversificação da economia, que incentivava a erradicação do café diante dos problemas de superprodução da década de 1960. A “progressão” tinha um ponto final narrativo: o desassossego motivado pelo êxodo rural. A lógica daquelas categorias seguia uma linha do tempo que Armínio Kaiser organizava a partir de sua memória e de sua navegação solitária pelas latas de biscoito. Observemos trecho de uma fala registrada na ocasião:

Em [19]59 o Paraná produziu mais de vinte milhões de sacas de café. Entupiu tudo quanto foi armazém, e depois continuou produzindo mais café, café, café. E o IBC abrindo armazém, recebendo café e chegou um ponto que não aguentava mais. Então veio o problema da erradicação. Essa erradicação teve um preço violento que foi o êxodo rural, que foi gente saindo daqui prali, daqui pra acola, Marias, Josés carregando filhos pra cá e pra lá. (KAISER, 2007, entrevista)

Categorias bem próximas às propostas por Armínio Kaiser na ocasião inspiraram a narrativa que se adotou para a organização do livro *Ao Sabor do Café*. Não caberia aqui analisar detalhadamente cada categoria, mas numa visada panorâmica, nota-se a preponderância de um olhar técnico, de inclinação marcadamente ligada às ciências agrárias na maioria delas. E uma linha de fuga, como diria Deleuze (1995), traçada nas imagens do desassossego.

O recurso às entrevistas permitiu adentrar na biografia do fotógrafo e delinear a partir dali caminhos que foram significativos para a criação das categorias de ordenação do arquivo de modo que se pudesse manter, de certa maneira, a identidade do autor na lógica de seu acervo. Esta perspectiva dialoga com a linha dos desafios contemporâneos que vêm sendo debatidos no campo do trabalho com arquivos pessoais, como bem situa Leticia Borges Nedel (2010), em reflexão dedicada a pensar os arquivos como objetos, para além de fontes de pesquisa. Ocorre que as propostas metodológicas da arquivística clássica, por estar essencialmente ancorada na dinâmica de arquivos institucionais, revelam-se insuficientes para dar conta das lógicas dos arquivos pessoais. Isso ocorre porque as lógicas de acumulação e arquivamento, de produção do arquivo e de seus usos correntes, diverge sensivelmente de uma pessoa para uma instituição. E diferencia-se infinitamente de uma pessoa a outra. A preocupação com o dado biográfico no tratamento de arquivos pessoais aparece do diálogo interdisciplinar de outras áreas com a arquivística. A exemplo da crítica literária e história da



cultura escrita e da leitura, no tratamento de arquivos de escritores; ou a antropologia, no tratamento dos arquivos como artefatos da cultura material, que transitam entre lugares, circuitos pessoais e públicos, por exemplo, e nesse movimento mobilizam valores simbólicos.

De volta às narrativas que Armínio Kaiser compõe para a câmera. Outro momento de registro audiovisual foi a entrevista realizada em 2009, quando trabalhávamos na produção do documentário que utilizaria as fotografias de Armínio como ferramenta metodológica para entrevistas. Esta conversa foi conduzida a partir das imagens publicadas no livro *Ao Sabor do Café*, deixamos Armínio Kaiser folheando livremente as páginas e tecendo seus comentários a partir das imagens que sensivelmente mais lhe despertassem. Aqui um elemento importante a observar é a postura de Armínio diante das imagens que lhe provocam. Nesse momento do olhar, o maior impacto vem das imagens que tocam a sensibilidade. São os elementos humanos, que fazem o fotógrafo parar para olhar, mais do que a racionalidade do agrônomo no folhear sequencial das páginas.

Aqui o fotógrafo está na posição de espectador de suas próprias imagens, publicadas num livro, ocupando um circuito bem diferente daquele mais íntimo das latas de biscoitos Aymoré. Em tal situação, as narrativas ele compõe diante das fotos oferecem significados construídos em múltiplas matrizes, poucas informações de sua fala vêm dos dados anotados sobre a data e local da imagem, ou da racionalidade técnica agronômica. Emerge muito de suas memórias e um tanto mais de sonhos e imaginações. No conjunto de narrativas que aparecem a seguir aquilo que Ecléa Bosi (1994) aborda como o trabalho da memória expressa-se sensivelmente, e revela graciosa afinidade com os estudos que Etienne Samain vem desenvolvendo em pesquisas sobre imagem e pensamento:

diria que a imagem é uma 'forma que pensa', na medida em que as ideias por ela veiculadas e que ela faz nascer dentro de nós – quando as olhamos – são ideias que somente se tornaram possíveis porque ela, a imagem, participa de histórias e de memórias que a precedem, das quais se alimentantes de renascer um dia, de reaparecer agora hic et nunc e, provavelmente, num tempo futuro, ao (re) formular-se ainda em outras singulares direções e formas.(SAMAIN, 2012:33)

E como fazem Armínio pensar! Como colocam sua memória para trabalhar. Observemos as imagens lado a lado com a fala do fotógrafo.



Interessante visualizar... Visualizar o rosto dela. Chamar a atenção para o rosto dela. Não bem para o que ela está fazendo, mas para o rosto dela que ela está satisfeita da vida! (KAISER, 2009, entrevista)

[1]

Essa procissão estava descendo, eu desci do carro na tentativa de tirar fotografia deles andando, mas assim que eu empunhei, peguei a máquina para tirar fotografia eles paralisaram. Ficou meio esquisito assim porque está todo mundo olhando pra mim. Agora pode observar nessa fotografia, como está aqui no próprio... Escrito: a mistura de etnias, tem gente de tudo quanto é raça aqui, tem polacos, tem afrodescendentes, tem pessoas de várias origens, o que estavam fazendo aqui? Procurando um recurso para viver. Vieram de onde? Também não entrevistei esse povo todo, mas suponho que ninguém que está aqui... Olha não posso dizer ninguém, talvez as pessoas com menos de cinco ou seis anos tenham nascido aqui no Paraná porque eu acho que as outras não nasceram aqui...



(KAISER, 2009, entrevista)

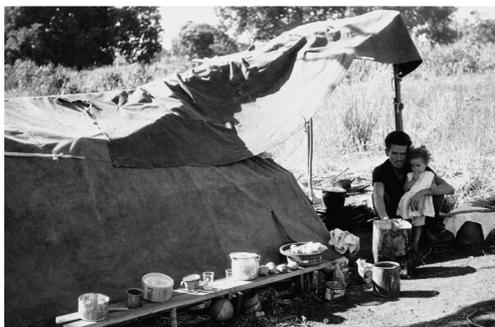
[2]



[3]

*Resolveram morar na beira da estrada.
De onde é que eles vieram? De alguma
fazenda. (KAISER, 2009, entrevista)*

*A mulher desse homem aqui deu no pé.
Fugiu da miséria, foi embora, largou a
menina na mão dele. Ah, não tomei
depoimento dele! (KAISER, 2009,*



[4]

entrevista)



[5]

Essa moça aqui conseguiu pouquinho de feijão, está com a panela aqui, vai cozinhar o feijão não sei aonde. (KAISER, 2009, entrevista)



[6]

Aqui tem uma criança com mamadeira na frente, olhando a mãe na esperança de talvez receber um pouco mais. Caldo de?... Cana! Londrina, essa fotografia, aqui eram os alicerces do Banco do Brasil. (KAISER, 2009, entrevista)

Para fazer pensar, imaginemos agora a diferente percepção que teríamos vendo as fotografias acompanhadas das anotações que o mesmo personagem, Armínio Kaiser, registrou no momento do clique, e que constam nos envelopes correspondentes a cada uma delas. Deixei propositalmente de colocar tais legendas logo abaixo das fotos, para minimizar a



12

interferência na visualização da imagem e evitar a concorrência com as falas transcritas. Seguem na ordem em que as fotos apareceram:

[1] Fazenda Santa Zulmira. Proprietário Sr. Samuel da Silveira. Município de Astorga, Paraná, 12/05/58. Abanação.

[2] Procissão “*Ad pretendam pluviam*”. Entre Santa Zélia e Santa Fé. No Ribeirão Fernando Dias, divisa entre os municípios de Astorga e Munhoz de Melo, Pr. 06/09/1963.

[3] Sem informações no envelope.

[4] Londrina. 30/05/1967

[5] Entre Cambé e Londrina, 27/02/1967.

[6] Londrina, Paraná, 17/02/1967.

Feito este exercício de sensibilidade e de interação entre imagens, palavras, pensamentos e sentidos, considero que refletir sobre tal processo sob as perspectivas da história oral permite perceber a riqueza de dados possíveis de se obter para a pesquisa histórica quando se associa imagem fotográfica com as narrativas sobre elas, sejam os aspectos de sua produção percebida sob o olhar do fotógrafo (ponto de concentração da presente comunicação) bem como dos diversos atores sociais envolvidos com o objeto em questão. Os depoimentos do fotógrafo agregam produções de sentido que somente as imagens e os metadados (na maioria das vezes de ordem técnica) não poderiam oferecer.

Esta situação de entrevista é particularmente interessante para ser observada em relação à anterior, quando se investiga as narrativas despertadas por imagens e os modos como esta composição se processa, com ênfase no aspecto sensível das dinâmicas do olhar e da memória que operam no ato de ver uma fotografia. Em 2007 estávamos muito concentrados nas questões que diziam respeito ao arquivo, às formas como se pode compreender e organizar um universo de significativo volume e quantidade de imagens. Além disso, era nossa primeira incursão no universo técnico, político e histórico sobre a



13

cafeicultura. Já no segundo momento, em 2009, conta-se com a diferença qualitativa de trabalhar com um número reduzido de imagens, com a organização do *corpus* documental concluída, com maior conhecimento do tema, e com uma ordem narrativa que era dada pelo livro. Isto permitiu mergulhos mais qualitativos nas imagens e no universo da cultura visual e da produção fotográfica propriamente dito.

Foi na segunda entrevista que Armínio nos apresentou suas câmeras, cuidadosamente guardadas, uma Zeiss Ikon e uma Super Ikonta 533/16, de filmes formato 6x6cm, e as Exakta RTL1000 e Exakta Varex, formato 35mm. E revelou alguns manuais de fotografia que o inspiravam, mencionando a importância da revista Life em sua formação visual. Na ocasião conhecemos o personagemcoleccionador, e ouvimos sua crítica: *não existe mais fotografia hoje em dia, o que existe é computação gráfica!*(KAISER, 2009, entrevista)

Em terceira instância, apresento o registro audiovisual realizado em 2012 com o objetivo de compor um DVD que apresentasse Armínio Kaiser através do audiovisual, e que foi produzido para acompanhar a nova publicação, para difusão das fotografias de São Paulo, Bahia e demais estados: o livro *Ao Aroma do Café*. Observemos a fotografia escolhida por Armínio Kaiser, para a capa e sua narrativa quando pergunto: *Por que escolheu essa?*



*Por causa da mocinha ali, ela é linda!*³

Pra começar, o café de boa qualidade...

*É isso que ele quer?*⁴

O café de boa qualidade começa com uma boa colheita. A melhor colheita de café aqui no Brasil poderia ser feita em cestos, para evitar, não só defeitos provenientes do chão, como cafés caídos anteriormente, como pedras e paus... Mas economicamente não é viável uma colheita só de “cereja”, não tem condições. O que pode se evitar sim é a colheita de cafés verdes, porque produzem defeito diretamente. Mas os cafés “cereja”, “passa” e “seco” já fazem bom café... Corta!(KAISER, 2009, entrevista)

Selecionei este trecho para encerrar as análises de entrevistas por considerá-lo significativo para refletir sobre o aspecto de interação que está presente no trabalho com

³Nota sobre a transcrição (e as lacunas da transposição do oral ao textual): O silêncio súbito testemunha o inesperado da fala e é seguido por risos de todos nós. Armínio retoma em seguida seu raciocínio, com a foto nas mãos.

⁴Nota da transcrição: Armínio levanta a fotografia diante da câmera, operada por Daniel, por isso faz a indagação, dirigida a mim, se é isso que ele quer.



história oral, e que foi produtivamente explorado por Eduardo Coutinho (1997) quando aborda o encontro que uma entrevista representa. Naquele momento, em 2012, tamanha já era a intimidade do encontro que o próprio entrevistado palpita na direção cinematográfica dizendo, ao final de cada fala, a palavra de ordem: Corta!

As entrevistas aqui apresentadas, quando observadas em conjunto e sequencialmente, expressaram modos como, ao sabor do trabalho da memória, o olhar modifica o modo de dizer, por vezes o modo de pensar. Em contraponto, a exemplo da temática sobre a produção de um café de qualidade, que é recorrente em todos os encontros com Armínio Kaiser, assim como são recorrentes também referências que ele faz a escritores que se dedicaram ao tema, como Monteiro Lobato e Saulo Ramos, nota-se certos pontos de vista que insistem em se manter sempre e tanto, incrivelmente semelhantes.

Minha abordagem aqui se concentrou na perspectiva do próprio fotógrafo/agrônomo Armínio Kaiser, nos sentidos dados às imagens por suas próprias palavras. Graças aos longos períodos de conversas, vários encontros ao redor de sua mesa, alguns cafés, e muitas correspondências, pudemos conhecer este personagem, compreender cada vez e sempre, um pouco mais de sua trajetória, para tentar decifrar alguns mistérios, como, por exemplo, as diferenças de sua produção imagética de uma região a outra, e no transcorrer dos anos. Um longo percurso (que continua a ser trilhado) e que gerou o movimento de reconhecimento de um fotógrafo “desconhecido”, que passa a personagem da história da fotografia. Processo cuja cadência incorpora dinâmicas do tempo presente e nas remodelações das noções sobre história, cultura e patrimônio.

Portanto, do ponto de vista do tempo presente, a noção de patrimônio se resignifica, ao deixar de ser a simples comemoração do passado como memória nacional, para incorporar a pluralidade de memórias e tomar o passado como um campo de possibilidades para a construção de futuros possíveis. Assim o conceito de patrimônio é ampliado pela forma como nós vivemos o nosso próprio presente como parte de uma História, na qual devem ser valorizadas as expressões sociais na sua variedade de meios, suportes, situações e agentes. A fotografia é história, pois retém do fluxo tempo a presença de uma vivência. A fotografia é patrimônio, pois, transforma situações em cenas, traduz ações em imagens que mesmo estáticas permitem entrever movimento, a dinâmica contínua do mundo



visível. A cada nova imagem, um outro tempo, da série e do conjunto se revela a multiplicidade da história. O que foi, o que é e o que será. Tudo ali, ao mesmo tempo; agora. (MAUAD, 2012:25)

De acordo com o pontuado pela autora e situando preocupações sobre a dinâmica patrimonial, o trabalho com arquivos leva necessariamente a pensar os circuitos possíveis de ampliação do acesso às fontes ali salvaguardadas, considerando-se tanto as fotografias, quanto as fontes orais geradas durante o processo de trabalho. Daí a importância de publicações e recursos audiovisuais, de modo a contemplar a acessibilidade para âmbitos diversificados da sociedade. Para além da pesquisa histórica, sem dúvida um universo relevante, deve-se considerar também que tais fontes possam ser utilizadas no ensino de história em diversos níveis, bem como apropriados pelos diversos circuitos por onde transita a chamada história pública.

Concluo a presente comunicação reforçando a contribuição qualitativa que o acesso ao fotógrafo, produtor do registro e do arquivo representa para a pesquisa. Acionado o referencial constituído pelas pesquisas em história oral, essencial para compreender as dinâmicas do narrador, oferecem-se aos nossos olhos e ouvidos produtivas informações que dão suporte e envolvem as fontes documentais que um arquivo guarda, tanto quanto para prover a reflexão epistemológica e metodológica sobre os circuitos e produções culturais em torno do próprio arquivo como um objeto de investigação. Deixo, por fim, as palavras de Armínio Kaiser, encarando o menino que permanece ao sabor do café, do olhar e da memória, na capa e na última página do livro:

Porque termina aqui, nessa página aqui: “será que esse tal de Malthus não estava mesmo com a razão?” E virando a folha me deparo com a cara desse menino olhando pra mim. O quê que eu posso pensar que esse menino está pensando de mim? Alguma coisa ele está pensando, não sei o que é não. O que quê ele está pensando de mim? A cara dele não é de uma pessoa que está satisfeita da vida. Eu não estou achando que ele esteja satisfeito. (KAISER, 2009, entrevista)



17

Fontes

CHOMA, D.; COSTA, T. L. **Grãos de ouro em sais de prata**. Livro/DVD/documentário. Londrina: Câmara Clara, 2008

CHOMA, D.; COSTA, T. L.; VIEIRA, E. L. S. **Ao sabor do café**. Fotografias de Armínio Kaiser. Londrina: Câmara Clara, 2008

CHOMA, D.; COSTA, T. L. **Ao Aroma do Café**. Atibaia: Câmara Clara, 2013.

KAISER, Armínio. Fotografias do acervo pessoal do fotógrafo. Paraná, 1957-1963. Digitalizadas por ocasião do projeto Revelações da História.

KAISER, Armínio. Fotografias do acervo pessoal do fotógrafo. Paraná, 1957-1963. Digitalizadas por ocasião do projeto Revelações da História.

KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 25 de abril de 2007, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto Revelações da História (vídeo).

KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 02 de março de 2009, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto Grãos de Ouro em Sais de Prata: memórias do café (vídeo).

KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 01 de outubro de 2012, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma, Edson Luiz da Silva Vieira e Tati Costa para o projeto Grãos em movimento (vídeo).

Bibliografia

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COUTINHO, Eduardo. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. **Projeto História** [PUC-SP], São Paulo, v. 15, p.170-171, 1997.

CHOMA, Daniel. **Café Passado Agora: narrativas em torno de fotografias de Armínio Kaiser**, produzidas entre 1957 e 1970, sobre a cafeicultura no norte do Paraná. Dissertação. Mestrado em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2010.



18

DELEUZE, D. e GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol.1. São Paulo: Editora 34, 1995. Introdução: Rizomas. p. 11-37.

MAUAD, Ana Maria. Fotografias/memórias, um plural singular. In: CHOMA, D.; COSTA, T. L.; VIEIRA, E.L.S.. **Revelações da História: o Acervo do Foto Estrela**. Londrina: Câmara Clara, 2012.

NEDEL, Leticia B. **Da sala de jantar à sala de consultas: o Arquivo Pessoal de Getúlio Vargas nos combates da história política recente**. Texto apresentado no encontro Arquivos Pessoais: reflexões disciplinares e experiências de pesquisa, realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, em 23 e 24 de agosto de 2010. (Versão da autora).

SAMAIN, Etienne.(org.) **Como pensam as imagens**. Editora Unicamp: Campinas, 2012.